

# folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

## Biblioteconomia progressista: elementos para repensar a formação

Marielle Barros de Moraes

ARTIGO

### Resumo

O cenário contemporâneo, marcado por profundas transformações, demanda cada vez mais sujeitos críticos e atuantes diante dessa conjuntura. Essas transformações estão sendo provocadas, principalmente, por uma sociedade cuja base material é sua estrutura em redes, impulsionada pelas tecnologias de informação e de comunicação, as quais alteraram de forma profunda as formas de mediação da informação e da cultura no cenário contemporâneo, provocando, dentre outros, o fenômeno denominado de brecha digital. Portanto, há a necessidade de uma nova atuação e formação para os profissionais da Biblioteconomia que, ao utilizar uma pedagogia progressista, poderá favorecer a formação e a atuação do bibliotecário progressista. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura na área da Educação acerca do conceito de educação progressista, a fim de estudar como se daria a formação de um bibliotecário progressista. Assim, a Biblioteconomia Progressista possui por base uma formação fundamentada na construção curricular e educacional progressista, tendo por fundamentos teóricos as teorias críticas, e toma por práxis a alfabetização informacional crítica, ou Alfabetização Crítica em Informação. Além disso, é uma Biblioteconomia que se contrapõe a todo conservadorismo e fomenta o pensamento crítico em prol de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática tanto nos seus aspectos político-social, quanto no campo da informação e da cultura, que é um campo de amplas possibilidades de atuação dos bibliotecários, principalmente quando nele se entrelaçam as tecnologias de informação e de comunicação.

**Palavras-chave:** Biblioteconomia Progressista. Formação de Bibliotecários. Currículo.

### Progressive librarianship: elements to rethink training

#### Abstract

The contemporary scenario, marked by deep transformations, demands more concerned and active beings in front of this situation. These transformations are being driven mainly by a network society, whose propulsors are the information and communication technologies, which have profoundly altered the forms of mediation of information and culture in the contemporary scenario, among others, the so-called digital gap phenomenon. Therefore, there is a demand for a new way of act and training to the Librarians who, using a progressive pedagogy, can help the formation and the performance of the progressive librarian. This paper is a literature review of the Education Area about the concept of progressive education, in order to study how the formation of a progressive librarian would be developed. Thus, Progressive Librarianship is based on a progressive curricular and educational construction, based on Critical Theories Information Literacy or Critical Information Literacy by praxis. Moreover, it is a Librarianship that opposes all conservatism and fosters critical thinking in favor of a more just, egalitarian and democratic society, both politically and socially, as well as in the field of information and culture, which is a field of librarians, especially when information and communication technologies are intertwined.

**Keywords:** Progressive Librarianship. Training of Librarians. Curriculum.

## 1 Introdução

A temática da Biblioteconomia Progressista nos faz pensar, essencialmente, no tempo contemporâneo, e nos tempos do porvir. Por qual motivo? Porque, durante muito tempo, a Biblioteconomia pareceu estar sempre com o olhar voltado para o seu passado e por um apego, por vezes exagerado, ao tradicionalismo na atuação do bibliotecário. Por este motivo, os momentos em que se pensou numa Biblioteconomia Progressista, ou mesmo numa Biblioteconomia voltada para o povo carente de informação e de acesso aos meios culturais e informacionais, foram poucos, ou quase nenhum. Pelo contrário, com um viés marcadamente mais conservador, as aulas dos cursos de Biblioteconomia são ministradas, focando no ensino das técnicas biblioteconômicas, ou mesmo no modo de fazer fichas catalográficas, como também pensando em melhor

classificar determinados itens documentários e, assim, alunos e muitos profissionais da Biblioteconomia agem nos ambientes de informação, muitas vezes, conforme seus valores mais conservadores de mundo. É muito mais comum, por exemplo, vermos bibliotecários falando de seus trabalhos relacionados a como inseriram de forma fabulosa as Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC) em seus acervos, ou qual a classificação utilizada, ou mais ainda, acerca do software de gestão dos seus acervos, ou como inseriram o uso das Ontologias, Taxonomias, etc. do que mesmo falando como conseguiram alcançar os carentes de acesso à informação, ou como usaram as tecnologias ultramodernas da contemporaneidade de forma a diminuir a brecha digital existente na tão aclamada, mas muitas vezes, falaciosa, Sociedade da Informação.

Numa área marcadamente conservadora desde a sua gênese no Brasil, que ocorreu na primeira década do século XX, foi somente a partir dos anos de 1950, conforme Almeida Júnior (2015), que termos relacionados a uma Biblioteconomia Progressista foram inseridos no vocabulário biblioteconômico, tais como: informação social, informação para a cidadania, bibliotecas populares, centros de documentação e informação popular; todavia, estes termos não passaram despercebidos e atraíram muita resistência dentro da área pela ala mais conservadora, a qual passou a nomeá-los em outros termos mais amenos, e com uma carga semântica que não abarcava os termos anteriores. Dentre esses termos encontravam-se: informação utilitária, biblioteca comunitária e outras. Portanto,

As defesas de uma Biblioteconomia progressista, contrapondo-se a uma visão conservadora da área, tiveram espaços e iniciaram a constituição de uma corrente teórica que se aproximava das ideias presentes nos Movimentos Organizados, da resistência, ou melhor, das resistências contra governos autoritários em vários países da América Latina, da Igreja Progressista, da Teologia da Libertação, entre outras. Era uma Biblioteconomia voltada para o povo, que buscava dar a voz, dar a palavra às classes populares, às classes trabalhadoras (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 138).

Também foi nesse período em que se passou a falar de uma Biblioteconomia Popular, com a ideia de “Documentação Popular”, a qual, segundo Almeida Júnior (2015), nunca prosperou, mesmo que alguns grupos de bibliotecários tenham entendido que controlar a organização da informação seria uma arma contra a dominação exercida pelos opressores, com suas regras, normas, instrumentos e técnicas clássicas. Não à toa, até os dias atuais, um dos instrumentos que mais afasta os leitores/cidadãos das bibliotecas é o fato de não entender o funcionamento da biblioteca, muito menos estar familiarizados com as linguagens documentárias utilizadas nos ambientes de informação. Se por um lado há quem sempre teve acesso a conhecimentos e informação, sempre teve acesso a livros em casa, a uma biblioteca na escola e a outros instrumentos de acesso à informação; há do outro lado do muro indivíduos que sequer viram um livro na vida, cuja família teve que trabalhar desde cedo e a eles, inclusive o direito à alfabetização do mundo das letras lhes foi negado, o que dizer então dos novos tipos de alfabetização do mundo digital/online. E, por isso, se num primeiro momento, a grande preocupação dos bibliotecários de bibliotecas públicas e escolares era como atrair para as bibliotecas aqueles que ainda não foram letrados, essa preocupação ficou ainda mais intensa quando esse letramento passou a não se referir apenas ao mundo das letras, mas também incluiu a ambiência digital/online.

O mundo contemporâneo, que trouxe consigo a extrema tecnologização da vida social, com a inserção do mundo das máquinas as quais alteraram a cultura do trabalho, da vida social, doméstica, da escola, do lazer e outros; é marcado por rupturas, deslocamentos, desencaixes, liquidez do mundo das coisas e da vida social. Se por um lado, as tecnologias trouxeram um mundo de possibilidades a se descobrir e a facilitar a vida; por outro lado, trouxe consigo a liquidez das relações sociais. Ou seja, ampliou as relações virtuais e restringiu as relações da vida. Essa liquidez contemporânea tão analisada nos escritos de Bauman (2005), a exemplo do seu *Amor Líquido*, onde os laços humanos passam a ser cada vez mais fragilizados, também é percebido no mundo informacional.

A liquidez do mundo informacional pode ser percebida, dentre outros fatos, quando a credibilidade dos mediadores passa a ser questionada, a exemplo dos jornalistas, bibliotecários, professores e os sujeitos começam a utilizar-se cada vez mais de motores de busca de informação, tais como Google, Yahoo, etc., na perspectiva de obter uma informação que não passe por filtros, ou que os filtros sejam mais “confiáveis”, tais como o pai, a mãe, a tia, que lhes repassam informações por meio do WhatsApp e congêneres. Assim, além das notícias veiculadas de forma tendenciosa pelos grandes conglomerados de mídia tradicionais, passamos a conviver com informações veiculadas por outros dispositivos, que possuem outros tipos de filtros e que impulsionam as notícias que mais convêm a determinados grupos, o que fez aumentar de forma vertiginosa as famosas

Fake News. E é diante desse contexto que se nos apresenta a seguinte questão: *qual o papel de uma Biblioteconomia Progressista diante do contexto informacional contemporâneo? Que elementos devem constar na formação dos bibliotecários progressistas? O que é uma Biblioteconomia Progressista?*

A fim de encontrar elementos que nos levem ao entendimento de nossas questões, inicialmente, buscamos o conceito de progressismo na literatura da área da Educação para, em seguida, analisar esse conceito no âmbito da Biblioteconomia e encontrar elementos que subsidiem a formação do bibliotecário progressista.

## 2 O conceito de educação progressista no Brasil

O conceito de educação progressista não é recente e a sua gênese vem sendo debatida fortemente na área da Educação. Autores como Dewey (1915), Cremin (1961), Tanner e Tanner (1995), dentre outros, afirmam que seu início se deu entre meados da década de 1870 e os primeiros anos do século XX (1900-1915), período considerado como de desenvolvimento da educação progressista. Assim, o movimento pode ser descrito em duas fases: a) a primeira envolveu os educadores preocupados com a necessidade de mudar a sociedade e proporcionar maiores oportunidades de desenvolvimento da vida democrática; b) a segunda foi marcada por desenvolvimentos específicos em teorias pedagógicas e de desenvolvimento curricular. Um início da epistemologia da educação progressista americana pode ser creditada à Lawrence Cremin, com sua obra *A transformação da escola*, de 1961; todavia, o seu começo pode ser bem fixado nos ensaios de Joseph Mayer Rice sobre as condições da educação (GENERAL JÚNIOR, 2000).

Em *Schools of Tomorrow*, Dewey (1859-1952) descreveu o que considerava ser escolas representativas das práticas educacionais progressistas. Escrito em 1915, a obra documenta o trabalho dessas escolas a partir dos primeiros anos do século XX. A proposta educacional de Dewey estava voltada para a aprendizagem da criança em um ambiente livre, organizado para as diferenças de cada uma, mas integrado com o desenvolvimento histórico da sociedade, ou seja, uma educação voltada para os valores democráticos. Em sua obra *Democracia e educação*, publicada originalmente em 1916, afirmava que os temas inseridos nos currículos, assim como todo conhecimento produzido pelo homem, são produtos do seu esforço para resolver os problemas que sua existência lhe coloca. Mas antes de se constituir um conjunto formal de conhecimentos, foram abstraídos das problemáticas em que foram originalmente desenvolvidos nas vivências dos sujeitos. Para Dewey, a escola era o instrumento para igualar as oportunidades dos alunos e a educação tem uma função democratizante (GENERAL JÚNIOR, 2000).

Outro autor relacionado com a Educação Progressista foi Booker T. Washington (1856-1915) e mesmo que suas realizações educacionais sejam substanciais, ele é praticamente ignorado no corpo da literatura da educação progressista. As obras de Washington estavam em evidência bem antes da influência de John Dewey na educação americana. Suas ideias sobre o currículo refletem a crença de que as experiências pessoais do aluno devem servir como base para suas experiências educacionais e seu pensamento, assim como o de Dewey, visava melhorar a experiência democrática, sintetizando os conceitos de responsabilidade social e crescimento educacional (GENERAL JÚNIOR, 2000).

Em relação ao conjunto das pedagogias, Luckesi (1994, p. 54) as organizou em dois grupos:

- 1) *Pedagogia Liberal*: que se subdivide em: a) tradicional; b) renovada progressista; c) renovada não-diretiva e d) tecnicista;
- 2) *Pedagogia Progressista*: que se subdivide em: a) libertadora; b) libertária e c) crítico-social dos conteúdos.

Não nos ateremos na *Pedagogia Liberal*, também denominada de tradicional. Quando se fala em Pedagogia Liberal não tem nada que ver com o sentido de avançado, democrático, mas sim da doutrina liberal como justificação do capitalismo que defende a liberdade e predominância dos interesses individuais da sociedade. Conforme afirma Luckesi (1994) essa pedagogia defende a ideia de igualdade de oportunidades, mas não leva em consideração a desigualdade de condições. Em termos de processo de ensino-aprendizagem, essa pedagogia em seu conteúdo e procedimentos didáticos não leva em conta a relação com o cotidiano dos alunos e muito menos com as realidades sociais. Seu interesse imediato é formar para o

mercado de trabalho. Os conteúdos do ensino são princípios científicos, leis, estabelecidos e ordenados em sequência lógica e psicológica pelos especialistas. É nesta pedagogia que estão pautadas as teorias tradicionais de currículo tomando por base os princípios da eficiência, da eficácia e na avaliação dos alunos.

Por sua vez, a *Pedagogia Progressista* é aquela que, conforme Luckesi (1994), parte da análise crítica das realidades sociais e sustenta implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação. Ela tem se manifestado em três tendências:

- 1) *Libertadora*: mais conhecida como Pedagogia de Paulo Freire;
- 2) *Libertária*: reúne os defensores da autogestão pedagógica e a
- 3) *Crítico-social dos conteúdos*: diferentemente das outras duas enfatiza a primazia dos conteúdos no confronto com as realidades sociais.

A Pedagogia Progressista de tendências libertadora e libertária tem em comum o antiautoritarismo, a valorização da experiência vivida como base da relação educativa e dão mais valor ao processo de aprendizagem grupal em detrimento do individual. Portanto, vamos dar mais ênfase na Pedagogia Progressista de tendência libertadora, à Paulo Freire.

Para Paulo Freire, a educação progressista tem viés libertador. Em *Educação e Atualidade Brasileira*, escrito em 1959, em forma tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes de Pernambuco, o autor está sempre afirmando e reafirmando a necessidade da imersão crítica dos sujeitos na realidade. Os escritos de Paulo Freire estão voltados à elaboração de propostas educacionais progressistas, de um currículo e de uma pedagogia crítica. Para tanto, segundo Freire (1959, p. 8), “todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem que responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança”. Só uma educação que estivesse imersa na realidade brasileira poderia se tornar socialmente relevante, e a base dessa educação era a formação do sentido crítico dos educandos, num processo em que o diálogo era a base do processo educativo.

Essa educação dialógica que tinha por busca a democracia, deveria ser uma educação para a vivência democrática e, por isso mesmo, não poderia dar-se de forma autoritária com professores autoritários no processo de ensino. Professores que não aceitam sugestões de inclusão de temáticas em seu programa de disciplina, professores que não dialogam as formas de mediação dos conteúdos. Para Paulo Freire, a erradicação da nossa inexperiência democrática (aqui ele fala num período em que o Brasil havia recém-saído da Ditadura Vargas), seria efetivada por meio de uma educação para a democracia. Inclusive, esse texto foi escrito em 1959, e o educador não imaginaria que em 1964, o Brasil entraria novamente em um longo tempo de outro governo autoritário que duraria vinte e um anos (01/abril/1964 a 15/março/1985). No entanto, conforme afirmou o autor, um longo tempo que veio devido ao fanatismo irracional que era histórico na sociedade brasileira. Para o autor,

Na atualidade brasileira, não vinha sendo dos radicais a supremacia, mas dos sectários, sobretudo de direita. E isto é o que nos fazia temer pelos destinos democráticos do País. Pela humanização do homem brasileiro, ameaçado pelos fanatismos, que separam os homens, embrutecem e geram ódios. Fanatismos que se nutriam no alto teor de irracionalidade que brotava do aprofundamento das contradições e que afetavam igualmente o sentido de esperança que envolvia a fase do trânsito (FREIRE, 1967, p. 51).

Fanatismo esse que até hoje faz com que presidentes sejam derrubados, faz com que alcemos ao poder presidentes que flertam com os regimes autoritários, a exemplo do nazismo e do fascismo, e faz com que professores sejam perseguidos, a exemplo do que ocorreu com o próprio Paulo Freire quando a Ditadura Militar de 1964 foi instaurada e fez com que o seu método de alfabetização fosse considerado “subversivo”. Por este motivo, Paulo Freire falava da necessidade de professores progressistas. No capítulo intitulado *The Progressive Teacher* o autor narra as qualidades ou virtudes que os educadores deveriam ter como professores progressistas:

O professor progressista, não importa onde ele ou ela ensina, nas escolas ou nas universidades, tem que praticar a humildade. Eu também acho que o professor reacionário seria um reacionário melhor se ela ou ele fosse humilde. Eu vou ilustrar esse ponto. Suponha que um aluno faça uma pergunta que não seja muito bem formulada, uma espécie de pergunta ingênua. Então o professor enfatiza precisamente a ingenuidade do estudante, e, ironicamente, responde como se estivesse dizendo: ‘Por favor, primeiro se torne competente e

depois volte para fazer sua pergunta'. Isso é terrível. Possivelmente, este estudante nunca mais fará outra pergunta, e nunca confiará no professor. O professor humilde terá criado uma barreira que impossibilita a relação. O professor também aceita ser criticado pelo aluno. Ela ou ele só pode ensinar exemplos de humildade. Outras características do professor progressista são: habilidade de amar, não tratar os estudantes como meros objetos do meu ensino, virtude da tolerância (capacidade de desfrutar das diferenças) e a qualidade de ser consistente e coerente (e esta é a primeira coisa que os alunos percebem no professor) (FREIRE, 1995, p. 20, tradução nossa).

Assim, é importante frisar que os professores progressistas constroem com os educandos os conhecimentos que serão objetos do ensino. Não possui no autoritarismo a base do seu fazer, mas sim o diálogo. Como o próprio Freire (1959) afirmou, fomenta nos alunos o espírito de análise e de crítica, a paixão pela pesquisa. Portanto, o professor progressista, antes de tudo, faz de sua sala de aula um espaço para a vivência da democracia, onde a crítica é a base do seu fazer, onde na sala de aula prevalece o diálogo e não a imposição de conteúdos do professor sobre os alunos, onde o professor fomenta a paixão pela pesquisa, e que os conhecimentos construídos e reconstruídos pelos educandos sejam construídos e reconstruídos sendo norteados pelo pensamento crítico. Só assim é possível a construção de uma educação que se queira progressista. Mas, e a Biblioteconomia? Quais os elementos de uma Biblioteconomia Progressista? Como se possibilita a formação do bibliotecário progressista?

### 3 A formação do bibliotecário progressista: elementos para pensar o Brasil

Durante muito tempo, a formação do bibliotecário brasileiro se pautou por sua característica extremamente tecnicista em detrimento de uma visão político-social do quefazer do bibliotecário. Essa visão tecnicista também estava inserida na educação em geral no Brasil, haja vista que até por volta da década de 1960 temáticas acerca do direito das minorias, questões étnicas, questões de gênero, de multiculturalidade não faziam parte de discussões da educação brasileira, muito menos estavam inseridas como assuntos da educação bibliotecária, marcada por seu tecnicismo e corroboradora da manutenção do *status quo* dominante. Assim, inicialmente, afirmamos que uma educação progressista, uma formação progressista para os bibliotecários tem que buscar a emancipação tanto dos professores quanto dos alunos de Biblioteconomia, tendo em vista a emancipação dos cidadãos.

O enigma da educação bibliotecária que visa à emancipação necessita ser analisada e desvendada pelo pensamento crítico e radical nesta segunda década do século XXI. Como já dizia o velho e atual Marx (2006, p. 3), no seu *A questão Judaica*, “qualquer emancipação constitui uma restituição do mundo humano e das relações humanas ao próprio homem. [...] Só será plena a emancipação humana, quando o homem real e individual tiver em si o cidadão abstrato [...]”. Assim, partindo do pensamento marxiano, só será emancipado o homem, quando este não for reduzido ao mundo das coisas e da produção de mercadorias; inclusive, no mundo contemporâneo, a emancipação só ocorrerá quando as relações humanas e sociais não forem mediadas, prioritariamente, pelo mundo das mercadorias, muito menos a formação dos sujeitos for voltada, exclusivamente, aos ditames do mercado financeiro. O conceito de emancipação de Marx foi abordado no ensaio acima mencionado, o qual fora produzido na Alemanha do século XIX, onde afirmava que a emancipação política do judeu ou do cristão estava relacionada à emancipação do Estado em relação ao Judaísmo, ao Cristianismo ou qualquer outra religião. Assim, não há como ser emancipado um estado que intitula a si mesmo de cristão ou de qualquer outra vertente religiosa. Bem como não há como um povo ser emancipado se está sob esse estado submisso a uma única vertente religiosa. Mas, o que é emancipação?

Etimologicamente, emancipação vem do latim *emancipare*, que significa “declarar alguém livre” (ex-, que significa “fora” e *mancipare*, que significa “entregar, transferir, vender”), que por sua vez vem de *mancipium* (“qualidade de proprietário”, de *manus*- “mão”). Significa, portanto, a ação de libertar, de tornar livre, independente. Por sua vez, uma educação bibliotecária progressista é uma educação que visa à emancipação; portanto, é aquela educação que problematiza todos os saberes e fazeres que estão em pauta nos currículos de formação dos bibliotecários. Ou, como afirma o educador Paulo Freire (2005, p. 86) “para a educação problematizadora, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação”, a saber, lutem pela sua libertação. Continuando, a educação só será emancipadora, quando a educação se fizer como prática da liberdade.

Ao se refletir acerca do que seria uma Biblioteconomia Progressista, a partir dos escritos de Paulo Freire, Dewey e Washington, percebemos que muito dos elementos de uma educação progressista delineada por esses autores podem ser utilizados para a formação do bibliotecário progressista. Em primeiro lugar, a educação do bibliotecário progressista tem que ter por base a práxis do professor de Biblioteconomia progressista. Ou seja, não há como formar bibliotecários com práxis progressista, se os professores dos cursos de Biblioteconomia não tiverem por base do processo de ensino-aprendizagem a práxis no seu fazer, as teorias aliadas à sua prática de vida.

As características do professor de Biblioteconomia Progressista irão embasar a formação e a práxis profissionais dos estudantes de Biblioteconomia. Essas características podem ser: pessoais, no plano de ensino e na metodologia do processo de ensino-aprendizagem.

Em relação às características pessoais do professor de Biblioteconomia progressista Paulo Freire (1995) já nos deu as pistas, a saber: ter humildade em sala de aula, possuir habilidade de amar, não tratar os estudantes como meros objetos do ensino, possuir a virtude da tolerância (capacidade de desfrutar da diferença) e possuir a qualidade de ser consistente e coerente. Portanto, é fazer da sua sala de aula um lugar de possibilidades, de criação e recriação de conhecimentos embasados na realidade mesma dos educandos e aliando aos conhecimentos do campo acadêmico-científico. É fazer os alunos se sentirem parte do processo de ensino, é não fazer de seu plano de disciplina algo engessado, mas sim, adequar o mesmo à realidade de cada sala de aula.

Outro ponto importante nesse sentido para a formação dos bibliotecários que se desejam progressistas, em uma sociedade cada vez mais conservadora como a brasileira, é que os cursos de Biblioteconomia não devem ser apenas treinamento técnico, muito menos recheados de palavreados verbosos, nem mesmo repleto de conteúdos relacionados à gestão da informação, do conhecimento ou dos ambientes de informação em detrimento de outros conteúdos; mas sim, que fomentem nos alunos um gosto pela comprovação, pela invenção, pela pesquisa. Há a necessidade, por exemplo, de que as aulas voltadas ao tratamento técnico da informação, da organização dos acervos de se repensar as formas de catalogar e classificar que estejam pautadas nos diferentes tipos de comunidades existentes no Brasil. Ou seja, não há como se pensar em organização dos acervos baseados nos tradicionais códigos de catalogação e de classificação se a comunidade não entende essas normas e para eles a linguagem utilizada não dialoga com a sua realidade. Fazer esse tipo de organização é não pensar que cada comunidade possui características próprias e formas de se comunicar diferentes que a padronização dos códigos não atendem a essas diferentes realidades.

Além de um novo olhar sobre o tratamento técnico da informação, há cada vez mais a necessidade de inserção de disciplinas de *responsabilidade social* nos currículos, haja vista que essa disciplina possibilita desde o seu início a práxis dos estudantes. Ela possibilita que o estudante reflita que o acesso à informação e ao conhecimento não é igual nas mais diversas regiões do país. Essa disciplina possibilita a ampliação da visão de mundo dos bibliotecários e é necessária para todos os alunos em todos os tipos de serviços de informação que forem prestar em diferentes ambientes de informação. Só com uma educação voltada para a responsabilidade social, voltada para que os alunos se sintam responsáveis em possibilitar a existência de uma sociedade mais livre, igualitária e plural é que conseguiremos formar bibliotecários progressistas para uma atuação progressista, que vise, sobretudo, a democracia nas sociedades, porque possui a vivência da democracia em sua formação e em sua atuação como bibliotecário.

Outro conhecimento indispensável para a formação dos bibliotecários progressistas é a respeito do funcionamento das instituições brasileiras. Ou seja, é a sua *formação política*, aliada a estudos sobre a realidade sócio-política e econômica brasileira. Mas, o que vem a ser formação política? Encontramos a resposta em Telésforo (2012) que afirma que formação política é aquilo que nos forma para desempenhar a atividade política de modo cada vez mais eficaz em todas as suas dimensões. Isso inclui tanto a capacidade de compreender a realidade em múltiplos níveis, quanto à capacidade de atuar nela de modo concreto, o que exige uma série de competências e de habilidades: como saber fazer trabalhos de mobilização, de articulação, de mediação e negociação, de agitação e propaganda, de formulação etc. Formação política, portanto, não é apenas aprender a pensar, mas também aprender a fazer (e, no limite, essa distinção é falsa, pois pensar é fazer, e fazer é pensar, ou seja, é práxis), pois pensar o contrário é uma falsa dicotomia. É possível e útil entender formação política também num sentido mais específico, como aquilo que amplia nossa capacidade de atuar de modo *conscientemente político*. Quando

participamos de um movimento social, por exemplo, podemos ter graus diversos de consciência sobre o projeto político a que servem nossas pautas e mobilizações. Empregamos “político”, aqui, basicamente como aquilo que diz respeito à organização da sociedade como um todo – aquilo que articula toda a *polis*, e não apenas uma de suas partes.

Assim, percebendo a importância da formação política para a formação de bibliotecários progressistas, Spudeit; Moraes e Correa (2016) ao pesquisar o termo “formação política” em conhecidas bases de dados da área, recuperaram poucos trabalhos, sejam publicados em anais de eventos ou em periódicos e quando encontraram o termo “formação política”, na Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), abrangendo na busca os anos de 1972 a 2016, que é a maior abrangência da base de dados pesquisada, foram recuperados 37 registros, mas nenhum se relacionava à formação política em si, mas às políticas específicas da área. Assim, na área de Biblioteconomia, pouco se estuda as grandes correntes filosóficas da política, as relações de poder, os partidos políticos, o funcionamento das instituições políticas. E quando a universidade não se torna palco de formação política de seus alunos, haja vista a universidade ser essencialmente um espaço político, já que os diversos tipos de conhecimentos inseridos no sistema escolar estão carregados de ideologias, ela perde seu sentido. É como se a vida na universidade fosse vivida para se passar rápido, para se formar logo, para arranjar logo o primeiro estágio, para se inserir logo no mercado tal qual ele está. Pouco há de uma vivência coletiva na universidade e nos cursos de Biblioteconomia menos ainda. E, em assim sendo, esse individualismo cada vez mais presente na universidade prejudica a política e a atuação dos futuros profissionais como sujeitos políticos, democráticos e progressistas.

### 3.1 Mediação informativo-comunicacional: elemento-chave para uma educação bibliotecária progressista

Ao afirmarmos que a mediação informativo-cultural é um elemento-chave para a formação do bibliotecário progressista, primeiro vamos entender o que estamos entendendo por mediação. Mediação é um conceito que só pode ser entendido de forma situacional, ou seja, não há um só sentido para o termo mediação, mas sim, vai depender do contexto na qual esta palavra está sendo usada. Em relação à mediação da informação, ficamos com a definição de Beluzzo; Santos e Almeida Júnior (2014, p. 66) “a mediação da informação surge de um vácuo teórico do Serviço de Referência e Informação, principalmente, a partir de meados dos anos 1990”. Para os referidos autores, “[...] a mediação da informação passa a ocupar esse vazio de concepções ou, melhor dizendo, inicia o processo de refletir sobre as ações desenvolvidas pelos equipamentos informacionais em seu relacionamento com seus usuários”.

Por sua vez, Almeida (2013) elenca alguns espaços e possibilidades de atuação do profissional e pesquisador da área da Ciência da Informação no que concerne ao campo da mediação cultural e afirma que há um grande potencial para esse profissional como mediador especialmente no território dinâmico entre a cultura e as tecnologias, tanto no que concerne ao trabalho como organizador da massa documental, quanto com a capacitação dos membros e públicos em geral em relação ao uso dos computadores e das redes de forma crítica. No entanto, Almeida (2013) já aponta para a deficiente formação dos profissionais da informação para atuar nesse segmento:

Desse modo, investir na formação cultural mais ampla dos profissionais e pesquisadores da CI apresenta-se como iniciativa estratégica e necessária, não só por descortinar novas possibilidades de atuação, mas também, e principalmente, para formar indivíduos mais críticos e criativos, capazes de construir novas possibilidades de atuação para si e contribuir para a construção de uma sociedade mais rica e diversificada culturalmente.

Portanto, a sociedade contemporânea produz, recicla, usa, reusa e está baseada em informações que são, antes de tudo, produtos culturais; assim sendo, essa grande oferta de informações disponíveis gera uma consequente e previsível dificuldade de encontrar, de acessar e de fazer o melhor uso delas. No entanto, no que concerne aos processos de busca, uso e reuso de informações a sociedade contemporânea ainda possui grandes disparidades entre uma sociedade e outra e também entre os membros de uma mesma sociedade, gerando um novo tipo de analfabetismo: o analfabetismo digital. Na realidade, o que ocorre é a geração de novos núcleos de poder, novos analfabetismos, novas formas de inclusão e de exclusão e, é a partir dessa realidade, que Warschauer (2006, p. 10-11) afirma que “o mais importante a respeito das TIC não é tanto a disponibilidade do equipamento de informática ou a rede de internet, mas sim a capacidade pessoal do usuário de fazer uso dos equipamentos e das redes, envolvendo-se em práticas sociais significativas”, sendo esse o duplo desafio da educação, ou seja, adentrar no universo das tecnologias digitais, e também ensinar a apropriação crítica desses meios para os

educandos. E aqui se encontra uma grande brecha na formação dos bibliotecários progressistas, ou seja, para que sejam sanados, por exemplo, problemas como a proliferação de *Fake News*, o que sabidamente na sociedade contemporânea vem sendo utilizada como ferramenta para derrubar governos, para destruir movimentos sociais etc., é necessário cada vez mais que os bibliotecários sejam educados em informação para que possam ser alfabetizadores em informação para os cidadãos. É por este motivo, dentre outros, que há a necessidade de estudos sobre a brecha digital contemporânea, sobre mediação da informação e da cultura, da alfabetização crítica em informação visando à apropriação crítica da informação por parte dos sujeitos. Mas, o que é ser alfabetizado em informação?

[...] ser alfabetizado em informação é ter as habilidades práticas e de pensamento, o conhecimento e as atitudes que permitem a uma pessoa fazer uso ético da informação por: reconhecer a necessidade informacional e articular essa necessidade; localizar e acessar a informação relevante; avaliar o conteúdo criticamente em termos de autoridade, credibilidade e finalidade atual; extrair e organizar a informação; sintetizar ou trabalhar nas ideias abstraídas do conteúdo; comunicar, de maneira ética e responsável, seu entendimento ou um conhecimento recém-criado para um público de maneira apropriada e por um meio apropriado; e estar capacitado a usar as TIC para processar a informação (GRIZLLE; CALVO, 2016, p. 48).

Portanto, a formação de um bibliotecário que se deseja progressista é aquela que está pautada na alfabetização informacional, pois somente uma sociedade letrada em informação poderá tomar decisões de forma consciente. Daí a necessidade de alfabetização no acesso às notícias, alfabetização televisiva, alfabetização cinematográfica, alfabetização computacional, alfabetização no uso da internet e alfabetização digital, além de outros conceitos emergentes, como alfabetização em mídias sociais, conforme salientam Grizlle e Calvo (2016). Sem essas múltiplas alfabetizações realizadas tomando por base o pensamento e a ação crítica, não há como formar bibliotecários que se desejem progressistas. É desse fato que surge a necessidade de fomentar na educação bibliotecária o senso crítico, a ética, a responsabilidade social, a interculturalidade, a interdisciplinaridade buscando a transdisciplinaridade, a liberdade de expressão e a participação política e democrática, por meio de disciplinas ou de conteúdos inseridos de forma transversal nas disciplinas curriculares, bem como nos projetos de pesquisa e extensão dos professores. Assim, não há como formar bibliotecários com práxis progressista, se os professores dos cursos de Biblioteconomia não tiverem por base do processo de ensino-aprendizagem a práxis no seu fazer, as teorias aliadas à sua prática de vida, bem como a consciência de que o seu fazer pode ser emancipador para o professor mesmo e para os seus alunos.

## 4 Considerações Finais

Diante do que nossas reflexões tentaram despertar afirmamos que a *formação do bibliotecário progressista* é aquela que se baseia nas teorias críticas, fundamentada na educação progressista. Assim, visa à alfabetização informacional e tem como eixo norteador o pensamento crítico, objetivando a emancipação tanto dos professores de Biblioteconomia quanto dos alunos para, em seguida, promover a emancipação da sociedade. Portanto, ela necessita estar baseada no pensamento crítico e radical, problematizando os conteúdos da educação e se fazendo como prática da liberdade, bem como tendo por eixo norteador a comprovação, a invenção e a pesquisa. Não há outra possibilidade. É uma educação bibliotecária que constrói e reconstrói – educadores e educandos – os objetos de ensino. É aquela onde os programas de ensino não são estanques, estão sempre em relação com a contextura político-social na qual o curso de Biblioteconomia está inserido. Uma educação bibliotecária progressista fomenta o espírito da curiosidade, o pensamento crítico como base do fazer do bibliotecário e não um fazer alienado onde as técnicas estão prontas apenas para ser utilizadas em quaisquer contextos, independentemente do local onde os ambientes de informação estejam inseridos. É um contexto de ensino onde professores e alunos se coloquem na postura de educandos e de educadores uns dos outros. É uma educação que visa à emancipação. Assim, um ensino de Biblioteconomia progressista se contrapõe a todo conservadorismo ainda existente na área, e fomenta a práxis em prol de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática político-social e informacionalmente, que possibilitem a existência, cada vez mais consciente, de governos que tenham por pensamento básico a construção de uma verdadeira democracia e de um governo feito do povo e para o povo. Só com os carentes de informação e de cidadania estando inseridos nessa sociedade que se conseguirá, ou seja, somente com a alfabetização informacional, com a formação política e com pensamento crítico para sujeitos que historicamente lhes foram negados, tanto acesso à informação, quanto à educação crítica.



O *bibliotecário progressista* é aquele profissional que, consciente do seu papel emancipador realiza uma atuação crítica e radical nas comunidades em que se insere profissionalmente, visando a democratização do acesso à informação e, sobretudo, a diminuição da brecha informacional, por meio da alfabetização informacional crítica.

Por fim, a *Biblioteconomia Progressista* é aquela que possibilita, diante do contexto informacional contemporâneo, a alfabetização crítica em informação, a fim de fomentar a cultura democrática na sociedade. Uma cultura da participação, do diálogo, tão pouco fomentado nas salas de aula, em detrimento, muitas vezes, do uso dos projetores de slides que passam a ser os protagonistas da formação, em detrimento do diálogo entre os educandos e educadores acerca dos objetos de estudo na sala de aula. Uma Biblioteconomia Progressista possui por base uma formação fundamentada na construção curricular e educacional progressista, e toma por praxis a alfabetização informacional crítica, ou Alfabetização Crítica em Informação; portanto, se contrapõe a todo conservadorismo e fomenta o pensamento crítico em prol de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática tanto nos seus aspectos político-social, quanto no campo da informação e da cultura, que é um campo de amplas possibilidades de atuação dos bibliotecários, principalmente quando nele se entrelaçam as tecnologias de informação e de comunicação.

## Referências

- ALMEIDA, Marco Antônio. Cultura & Informação: perspectivas para a formação e a atuação do profissional da Ciência da Informação. *In*: CASTRO FILHO, Claudio Marcondes. **Olhares sobre a atuação do profissional da Ciência da Informação**. São Paulo: Todas as Musas, 2013. Cap. 2, p. 31-56.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. **Divers@: Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/45052> Acesso em: 20 jun. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BELLUZZO, Regina Célia Baptista; SANTOS, Camila Araújo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19995> Acesso em: 02 jun. 2015.
- FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade Brasileira**. 1959. Tese (Concurso para a Cadeira de Filosofia e História da Educação) - Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/ispui/handle/7891/1976> Acesso em: 20 jun. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1955.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. The Progressive Teacher. *In*: FIGUEIREDO-COWEN, Maria de; GASTALDO, Denise (Eds.). **Paulo Freire at the Institute**. London: University of London, 1995. Cap. 2, p. 17-24.
- GENERAL JÚNIOR, Donald. The architect of progressive education: John Dewey or Brooker T. Washington. *In*: NATIONAL ASSOCIATION OF AFRICAN AMERICAN STUDIES & NATIONAL ASSOCIATION OF HISPANIC AND LATINO STUDIES, Feb. 21-26, 2000. **Proceedings** [...] Houston, 2000. Disponível em: <http://www.files.eric.ed.gov/fulltext/ED454142.PDF> Acesso em: 15 nov. 2018.
- GRIZLLE, Alton; CALVO, Maria Carme Torras (Eds.). **Alfabetização midiática e informacional: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias**. Brasília: UNESCO, 2016.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Tendências pedagógicas da prática escolar. *In*: LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. 23. Reimp. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- SPUDEIT, Daniela; MORAES, Marielle Barros de; CORREA, Elisa Delfini. Formação política do bibliotecário no Brasil. **Rebecin: Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, p. 24-46, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/article/view/37/pdf> Acesso em: 20 jun. 2018.
- TELÉSFORO, João. **A importância da formação política para os movimentos sociais**. 2012. Disponível em: <https://brasiledesenvolvimento.wordpress.com/2012/08/30/a-importancia-da-formacao-politica-para-os-movimentos-sociais/> Acesso em: 10 abr. 2016.
- WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão digital**. São Paulo: SENAC, 2006.

## Dados da autora

### **Marielle Barros de Moraes**

Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Biblioteconomia e Líder do Grupo de Estudos Informação, Mediação, Educação e Responsabilidade Social. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo.

[moraes.marielle@gmail.com](mailto:moraes.marielle@gmail.com)

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2048406155037221>

---

**UFCA** UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

Este periódico é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade semestral.